

“Muitos esperam acordo somente no ano que vem”

por Tom Camargo
de Londres

A passagem por Londres de William Rhodes, o vice-presidente do Citibank que cuida da coordenação do comitê assessor da dívida externa brasileira (e também da dívida da Argentina, do México, do Peru e do Uruguai), seguramente resultou em algo mais do que sua curta, e sem novidades, palestra para jovens banqueiros.

Nos três dias que passou na cidade, visitou alguns dos maiores bancos da City e conversou longamente com o pessoal do Lloyds Bank, que é o braço local do comitê assessor.

O teor de tais discussões não foi revelado, e Rhodes, através de um assessor, observou que tudo o que tinha a dizer para a imprensa estava impresso em seu “paper”.

Foi possível, contudo, filtrar algo a partir de contatos com banqueiros que estiveram com Rhodes.

“Ele está achando que, no caso brasileiro, agosto será uma data importante. No fim do mês termina o acordo para a manutenção

das linhas comerciais de curto prazo e das interbancárias. Isto pode ser novamente renegociado, mas, se Brasília não der algum sinal de que pretende um acordo, é possível que alguns bancos se sintam inseguros e suspendam as linhas. Mas Rhodes também disse que acha que o momento é delicado e o governo brasileiro precisa de tempo”, relatou um funcionário graduado de um dos quatro grandes bancos comerciais ingleses.

Na prática, antes mesmo da visita de Rhodes, outro banqueiro constatava que “muita gente espera um acerto para apenas o começo de 1986. Até lá, é possível continuar operando sem sobressaltos”.

Em Cambridge, onde palestrou, Rhodes disse que o Brasil, acompanhado de Iugoslávia, Equador, Venezuela e República Dominicana, se encontra “no limiar de uma finalização de reescalamentos multianuais”. Mas observou igualmente “a situação permanece fluida” e que “as questões políticas têm agora grande importância para os países devedores”.